

Sarney: violência

No Palácio do Planalto, o clima é de muita satisfação com o engajamento da

Quarta-feira, 5-3-86 — O ESTADO DE S. PAULO

é remarcar.

população no plano de estabilização da economia.

Numa conversa com um político ontem, o presidente José Sarney deu uma idéia bem clara de como anda o seu humor em relação às novas medidas econômicas. Ao ser advertido pelo parlamentar sobre os riscos de depredações em lojas e supermercados, Sarney respondeu na hora: "Não estamos estimulando a violência. Porém, é uma violência muito grande remarcar preços de produtos já congelados pelo decreto".

A frase de Sarney foi reproduzida para os jornalistas pelo seu porta-voz, Fernando Mesquita, para ilustrar o clima atual no Palácio do Planalto. Muitas cartas e telefonemas de todo o País, felicitando o presidente pelas decisões tomadas, deixaram Sarney mais satisfeito ainda.

Esse clima de satisfação com os resultados do plano até agora tornou-se ainda mais festivo quando chegou ao Planalto o resultado de uma pesquisa preparada por uma agência de propaganda sobre as reações da população da grande São Paulo ao pacote. Os números são animadores para o governo. De cem paulistanos entrevistados, diz a agência, 86 acharam acertadas as medidas, sendo que 46 as consideraram "muito adequadas" e 40 preferiram a expressão "razoavelmente adequadas".

Apenas 6% das pessoas entrevistadas considerou as medidas "inadequadas", enquanto 8% não opinou. A pesquisa avaliou também a expectativa em torno do índice da inflação: 34% achou que a inflação terá uma

brusca queda, 35% apenas "um pouco", 20% que "fica na mesma" e 4% foi pessimista, considerando que a inflação sobe.

Supermercados

O governo não está nada satisfeito com os donos de supermercados. É que eles diariamente solicitam dilatação do prazo para remarcação dos produtos que tiveram seus preços reduzidos e congelados. Os técnicos do governo alegam que, quando os supermercados eram autorizados a remarcar os produtos com os aumentos sucessivos, não precisavam de prazo nenhum e colocavam rapidamente em ação as máquinas de etiquetar. Agora, embora as máquinas sejam as mesmas, os supermercados garantem que precisam de tempo para ajustar os preços às medidas do governo.

Ontem, no Rio, a Associação dos Supermercados decidiu que, a partir de agora, quando o consumidor encontrar o mesmo produto com preços diferentes deve exigir do gerente que o pagamento seja feito pela etiqueta com o menor valor. O presidente da entidade, Joaquim Oliveira Júnior (Grupo Casas Sendas), alegou que os funcionários encarregados de etiquetar os produtos estão sendo hostilizados pelo consumidor, mesmo quando é para remarcar para baixo os preços. Joaquim Oliveira Júnior descartou a hipótese de fechar os supermercados enquanto durar o trabalho de remarcação dos preços: "Poderia haver represália do consumidor".